

PARENTALIZAÇÃO NA INFÂNCIA: DA AUSÊNCIA À IMPOSIÇÃO DO CUIDADO¹

ROBERTA DUARTE DA LUZ¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – luzzroberta@hotmail.com

²Camila Peixoto Farias – pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Há muitas pessoas que parecem ter atravessado a pequenez do corpo sem nunca terem sido crianças, como se fossem protótipos de adultos que amadureceram cedo demais, e que precisam lidar com as demandas daqueles que idealmente deveriam lhe oferecer cuidado e acolhimento. Nesse sentido, o presente trabalho busca investigar alguns dos possíveis desdobramentos psíquicos da parentalização infantil – compreendida como uma inversão geracional na qual as crianças assumem funções de cuidado perante seus adultos de referência (MELLO; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2015) – e suas possíveis articulações com a ideia de “*dispositivo materno*” elaborada por Zanello (2018) para pensar o processo de naturalização das funções de cuidado às mulheres cisgênero desde a infância. Isso ocorre a partir de diversas práticas a partir do processo de subjetivação que se dá através da relação entre a criança e seu ambiente.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho foi elaborado a partir do método psicanalítico no qual é indispensável a presença da psicanalista que se permite afetar por suas experiências no processo de pesquisa, estreitando os laços entre “pesquisadora” e “referencial teórico”. Dessa forma, as análises elaboradas aqui estão permeadas pelo olhar subjetivo da pesquisadora e, por essa razão, não pretendemos apontar qualquer relação generalista de causa e efeito ou transpor as análises realizadas em um contexto específico a outras realidades, uma vez que as interpretações construídas estão sempre relacionadas ao processo que as produziu (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

Nesse sentido, se faz necessário marcar o lugar do qual se pesquisa, assim como proposto por Haraway (2009) ao indicar a importância de localizar os saberes, tendo em vista o caráter invariavelmente parcial de qualquer produção científica. Além disso, Haraway (2009) e Zanello (2018) nos auxiliam a pensar a necessidade de apontar a quem nos referimos quando discorremos sobre a experiência de meninas e mulheres, uma vez que “Mulher” não se trata de uma categoria universal, assim como ser criança também não. Desse modo, enfatizamos que a concepção de “dispositivo materno” está relacionada principalmente à experiência de mulheres cisgênero e se manifesta de maneiras diferentes de acordo com a raça e classe social (HARAWAY, 2009; ZANELLO, 2018).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que a parentalização infantil está intimamente ligada a uma fragilidade dos cuidados desde os momentos iniciais do bebê, ocasionando um tipo de sofrimento primário e mais profundo, pretendemos inicialmente compreender o processo de constituição psíquica a partir de alguns autores que trazem a dimensão

¹ Este é um trabalho elaborado a partir do Pulsional: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise da Universidade Federal de Pelotas.

da alteridade como alicerce para a constituição do Eu. Segundo Freud (1914/2010), inicialmente, o bebê encontra-se na fase do autoerotismo em que as pulsões circulam livremente sem haver ainda uma unificação. O Eu precisará ser desenvolvido, o que ocorre a partir da relação com os adultos cuidadores em que o pulsional vai aos poucos adquirindo um direcionamento primeiramente para si e, mais tarde, para os objetos externos (FREUD, 1905/2016). Além disso, a existência de uma figura parental cuidadora, a qual Freud (1926/2014) denomina “mãe”, é fundamental, tendo em vista o desamparo característico do bebê na fase inicial da infância, o que torna a ausência da figura materna nessa ocasião uma situação traumática de desamparo (FREUD, 1926/2014). Desse modo, Freud sinaliza o importante papel que os investimentos dos adultos de referência ocupam no desenvolvimento da criança, mas é a partir de Laplanche que essa relação se torna ainda mais evidente. Laplanche (2014) trabalha o conceito de “*situação antropológica fundamental*”, a qual ocorre através da relação assimétrica adulto-criança em que o adulto, a partir do cuidado que despende à criança, transmite “mensagens enigmáticas” comprometidas por elementos do inconsciente do adulto, as quais a criança registrará e tentará traduzi-las (LAPLANCHE, 2014). Diante disso, é possível dizer que as crianças são capazes de perceber alguns sinais consciente ou inconscientemente transmitidos pelos adultos cuidadores, como a aversão ou apatia sentidas por estes, assim como absorver elementos culturais que permeiam a vida desses adultos.

Esse processo de captação dos sinais de seus adultos cuidadores repercute de diferentes maneiras no psiquismo infantil. Dentre elas, elencamos a *vivência de indiferença* para pensarmos o trauma gerado em decorrência do desamparo no momento de estruturação do psíquico. Assim, quando o adulto cuidador não dispõe de recursos para oferecer amor à criança e estabelecer uma ligação de investimento afetivo com ela, a indiferença dá o tom à experiência inaugural do bebê no mundo. Perante a essa falta, não há como contar com o outro-adulto para perceber, traduzir e atender às demandas infantis, provocando, assim, uma situação de desamparo marcada pelo excesso de intensidades que o acontecimento traumático provoca (MORAES; MACEDO; FIGUEIREDO, 2011). Essa intensidade desencadeada pelo acontecimento traumático gera uma fratura no psiquismo, roubando do sujeito a possibilidade de representação e de historicização da sua experiência, que permitiria a elaboração da vivência (MORAES; MACEDO; FIGUEIREDO, 2011). Desse modo, essa fratura desencadeia o escoamento de fragmentos da história do sujeito que não puderam ser compreendidos na fase inicial da infância. Assim, não se trata de experiências que foram recalçadas, na verdade, encontram-se incompletas e, portanto, não podem ser reproduzidas como lembranças, mas como ato no qual o sujeito reencena o drama de sua tragédia primordial, transpondo para o presente a carga emocional experimentada no contexto anterior (SCHOR, 2017).

Por essa razão, é de fundamental importância reforçarmos o papel central da alteridade na constituição psíquica (LAPLANCHE, 2014), já que um dos pontos aos quais a inversão geracional está relacionada é a existência de adultos emocionalmente instáveis e frágeis que demandam cuidado, mas não conseguem oferecê-lo à criança. Com isso, convocam a criança a uma postura parental a partir da qual ela própria exercerá algumas funções de cuidado, tais como a de confidente ou pacificadora. Consequentemente, como forma de defesa, a criança passa a assumir a responsabilidade por garantir um ambiente de bem-estar na tentativa de suprir as lacunas do seu entorno (MELLO; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2015).

Além disso, é fundamental atentarmos às lógicas sociais que nos atravessam, considerando que elas serão transmitidas à criança de diversas formas a partir da interação adulto-criança. Tal interação é permeada pela reprodução de comportamentos e crenças vinculadas aos marcadores sociais, apontando a relação próxima entre a parentalização infantil e o conceito de *dispositivo materno*. Nesse sentido, Valeska Zanello (2018) nos ajuda a refletir sobre o processo pelo qual a função de cuidar de outros foi atribuída a mulheres brancas e cisgênero² desde o século XVIII. Isso se deve principalmente à reformulação na concepção de infância, que impactou, por consequência, no que se atribui como função materna. (ZANELLO, 2018).

De acordo com as diferentes intersecções pelas quais cada grupo de mulheres é atravessado, a imposição do cuidado se manifesta de maneiras diversas, mas há algo que é compartilhado. Nessa perspectiva, Zanello (2018) sinaliza que essas tecnologias de gênero³ - que atribuem a função do cuidado como parte de nossa natureza feminina, são engendradas desde os momentos iniciais da infância. Como exemplo, Zanello (2018) menciona a diferença entre as brincadeiras direcionadas pelos adultos às crianças, em que as meninas são direcionadas para brincadeiras voltadas ao cuidado, tanto da casa, como também de bebês através de bonecas, interpelando-as desde então para desenvolverem a disponibilidade ao outro, empatia e reponsabilidade. Tudo isso somado ao estímulo para que as meninas priorizem as necessidades alheias acima das suas próprias, cujo risco de se negar a cumprir esse papel pode ser a perda de seus afetos ou mesmo da aprovação social. À essa lógica, a autora denomina “*dispositivo materno*”, que opera mesmo na ausência de filhos, quando na vida adulta, assim como nas relações românticas e familiares de maneira geral (ZANELLO, 2018).

Como forma de justificar tal opressão, se incutiu na sociedade a ideia do amor materno, supostamente espontâneo, que faria com que mulheres cuidassem de outros de bom grado, já que isso traria satisfação (ZANELLO, 2018). Tal situação torna as meninas mais vulneráveis ao processo de parentalização infantil sob a cruel justificativa de ser essa uma “*vocação natural*” em decorrência do gênero, difundindo-se a crença de que elas se realizariam ao poder cuidar de outros em nome do amor. Por isso, a autora nos convida a “*dessentimentalizar*” o cuidado (ZANELLO, 2018), o que nos permite pôr em evidência os custos do cuidar, sobretudo quando estes são requisitados prematuramente, assim como os facilitadores culturais para que meninas tendam a sofrer com mais frequência situações de parentalização infantil. Isso nos aponta para o atravessamento de questões de gênero ao processo de parentalização, tendo em vista a atribuição do cuidado à figura da mulher e a exigência do amadurecimento prematuro às meninas.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista os custos da imposição do cuidado às mulheres, sobretudo quando de forma prematura, o que as desloca da posição de alguém que necessita de amparo para uma pessoa madura que deve ofertar cuidado, se faz urgente refletirmos acerca dos diversos tipos de sofrimentos gerados por aspectos culturais

² A função de cuidar já era antes disso atribuída a outros grupos subalternizados, como pessoas escravizadas, negras e pobres, segundo a autora.

³ Segundo Zanello (2018), tecnologias de gênero se constituem como uma pedagogia dos afetos, na qual há uma representação e autorrepresentação a partir de tecnologias sociais, como as mídias: filmes, propagandas, revistas e desenhos, que transmitem mensagens do que é ser mulher ou homem, provocando um assujeitamento que regula as identidades de gênero.

que atravessam a experiência individual. A partir disso, apontamos a necessidade de uma rede de apoio às mulheres mães e sua importância para a saúde delas e dos bebês, uma vez que são elas que de forma geral assumem o cuidado pelas crianças, mesmo que estejam em um relacionamento - no caso de relações hétero-afetivas. Isso é fundamental para proporcionar circunstâncias que tornem possível oferecer o suporte necessário ao bebê, o que inclui também a possibilidade de compartilhamento dessa responsabilidade com outros adultos.

Assim, enfatizamos a importância de estudos e discussões contínuos sobre a relação parental e sua articulação com questões de gênero, de maneira a evidenciar esse tipo de sofrimento tão comum, mas ainda pouco explorado no campo da Psicologia. Seguiremos na busca por questionar e desnaturalizar lógicas adoeedoras que vem sendo sistematicamente reproduzidas, gerando graves consequências ainda pouco discutidas, como a parentalização frequente de crianças identificadas como meninas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.** São Paulo, v. 39, n. 70, pág. 257-278, 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 6 mai. 2023.
- FREUD, Sigmund. **Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade** (P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Original publicado em 1905).
- FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** (P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Original publicado em 1914).
- FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos** (P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Original publicado em 1926).
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, pág 7-41, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em: 6 mai. 2023.
- LAPLANCHE, Jean. **Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006**. Porto Alegre: Dublinense, 2014.
- MELLO, Renata; FÉRES-CARNEIRO; Terezinha; MAGALHÃES, Andrea S. Das demandas ao dom: as crianças pais de seus pais. **Revista Subjetividades**, n. 15(2), pág 214-221, 2015. Disponível em: <[Das demandas ao dom: as crianças pais de seus pais \(bvsalud.org\)](#)> Acesso em 20 de jan. de 2023.
- MORAES, Euzema G.; MACEDO, Mônica M. K.; FIGUEIREDO, Luís C. **Vivência de Indiferença: do trauma ao ato-dor**. Casa do psicólogo, 2011.
- SCHOR, Daniel. **Heranças invisíveis do abandono afetivo: um estudo psicanalítico sobre as dimensões da experiência traumática**. São Paulo: Blucher, 2017.
- ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018.